

Sociologia e esperança

A crise da esperança na crise da sociologia

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

NESTE dossiê estão reunidos os trabalhos apresentados no Seminário Internacional sobre Sociologia e Esperança, realizado no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), em outubro de 2011, com patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP. O apoio do Instituto de Estudos Avançados da USP, que acolhe nas páginas de sua prestigiosa revista o dossiê com os trabalhos apresentados, foi decisivo para pôr à disposição do público, em tempo recorde, a riqueza de ideias daquele seminário.

O seminário reuniu pesquisadores da USP, da Universidade de Cambridge e da Universidade de Lisboa. Foi cogitado, ao longo de vários anos, em conversas com Graham Howes, Peter Burke e Maria Lúcia Pallares-Burke, em Cambridge, e Fraya Frehse, na USP. Seminário interdisciplinar justamente porque foi na interdisciplinaridade que a sociologia historicamente definiu temas e problemas de investigação, e foi nela que se enriqueceu teoricamente. Foi nela, aqui no Brasil, que a sociologia desvendou bloqueios históricos ao desenvolvimento social do país e desvendou a alternativa do historicamente possível.

Basta lembrar que dos grandes nomes fundadores da sociologia na USP, vários se formaram na perspectiva do que para a sociologia são as chamadas disciplinas auxiliares. Claude Lévi-Strauss, fundador da cadeira de Sociologia e um dos fundadores da moderna antropologia, era filósofo de formação. Seu sucessor, Roger Bastide, fez uma sociologia com fortes conexões com a antropologia e a psicanálise. Seu primeiro curso na USP foi, justamente, sobre sociologia e psicanálise. Florestan Fernandes, sucessor de ambos, fez mestrado e doutorado com pesquisas sobre temas antropológicos, sem contar que sua tese de cátedra sobre o negro é sociologia de extenso e consistente diálogo com a história. A bela sociologia de Antonio Candido apoia-se no diálogo com a antropologia, a história e a literatura.

As gerações seguintes foram formadas na orientação dessas convergências até a inflexão que começa com a crise política do golpe de Estado de 1964 e a crise de gerações que chega ao cume com a revolta estudantil de 1968. Desde então, a sociologia vem se fechando sobre si mesma, no geral preferindo temas que a reduzem ao atual e ao agora. A própria formação dos estudantes de Ciências Sociais está hoje restringida ao fragmentário e a uma precoce ultraespecia-

lização. Ao mesmo tempo, o que para a sociologia sempre foram as disciplinas auxiliares apossa-se, com competência, dos temas próprios da sociologia, como vem ocorrendo com a antropologia, a geografia, a história, a psicologia. A sociologia corre o risco de se tornar uma ciência residual do banal.

Em boa parte, o vazio criado pelas duas crises mencionadas, a política e a generacional, foi sendo ocupado pela imitação e pela cópia, dando lugar a uma sociologia que nos faz sucursal de Paris, de Nova York ou de Londres. Como se a sociedade brasileira não se defrontasse com gravíssimos problemas nem tivesse mais as referências estruturais do original, aquilo que lhe é próprio e que pede pesquisa e teoria fundadas na diferença do singular. O caminho que deu à antropologia a amplitude e a consistência universais de suas teorias, que a sociologia aos poucos vai perdendo no equívoco de aplicar aqui interpretações e formulações referidas a uma sociedade que não somos. Estamos abrindo mão da riqueza de nossas referências sociais e sua importância para o desenvolvimento das teorias sociológicas.

Foi esse cenário que motivou a realização do Seminário da USP e motivou a escolha do seu tema de referência, a Esperança, concepção-chave das diferentes orientações teóricas da sociologia. Portanto, concepção rica de possibilidades para mapear em diferentes âmbitos a crise da sociologia.

A sociologia nasceu inconformada com o atual e se mantém demarcada por diferentes concepções de esperança. No âmbito do positivismo e da premissa do progresso, assumiu e desenvolveu diferentes formulações teóricas de dinâmica e de mudança social no marco da ordem. Não raro, interessou-se pela possibilidade de induzir mudanças sociais para superar e suprimir estados de anomia e alcançar situações de equilíbrio e coerência no vínculo entre a consciência social e as relações sociais. No âmbito da dialética e da premissa da superação das contradições sociais, assumiu e desenvolveu diferentes formulações teóricas da transformação social radical no marco do historicamente possível. Também se concentrou nos fatores da ordem, ao propor o desvendamento sociológico dos mecanismos da alienação social, questão que no positivismo apareceria paralelamente, ainda que distintamente, sob a concepção de anomia. E mesmo na perspectiva compreensiva elegeu o primado do racional para compreender as formas residuais de ação e de poder, as insuficiências em face do objetivamente possível.

A sociologia tem tido suas crises de interpretação nas crises de cada sociedade a cujo estudo se dedica. O debate sobre o conhecimento sociológico, a diversidade de suas orientações teóricas, os antagonismos que opõem umas às outras, é um debate sobre perspectivas, modos de ver que expressam modos de ser. Mas que expressam, também, aquilo que supostamente a sociedade poderia ser e não é. É nesse marco de referência que a sociologia é, em largo sentido, uma ciência da esperança, que se perde na opção crescente da sociologia do atual, a sociologia das sociedades em que já não há lugar para a criação histórica e a transformação social.

Neste dossiê não foi incluída, a pedido da autora, a belíssima conferência de Maria Lúcia Pallares-Burke, “Reflexões sobre a desesperança e o fracasso”, porque se trata de capítulo inédito do livro sobre o sociólogo alemão Rudiger Bilden, que ela está publicando pela Editora da Unesp. Bilden era amigo de Gilberto Freyre, em cujas ideias o autor pernambucano se inspirou para escrever *Casa grande & senzala*.

José de Souza Martins é professor emérito (2008) e professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Foi professor titular da Cátedra Simón Bolívar da Universidade de Cambridge, Inglaterra (1993/1994), e membro de *Trinity Hall*. Foi professor visitante da Universidade da Flórida (Estados Unidos) e da Universidade de Lisboa. @ – jose38@uol.com.br.

Recebido em 28.5.2012 e aceito em 31.5.2012.

